

**JONATHAN SWIFT COM DESTINO AO SUBÚRBIO CARIOCA:  
JORNADAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO SÉCULO XXI**

*Priscila Prado dos Santos Ferraz* (UVA)

[prii.prado@gmail.com](mailto:prii.prado@gmail.com)

*Silvana Moreli Vicente Dias* (UVA)

[silvana.dias@uva.br](mailto:silvana.dias@uva.br)

**RESUMO**

Este artigo não somente visa a uma leitura crítica sobre as adaptações de um clássico da literatura inglesa, mas também se baseia em premissas de discursos progressistas para encaminhar e aplicar uma proposta de letramento literário para o Ensino Médio. Assim, pretende-se propagar conceitos, ideias e reflexões para aqueles que mais precisam: os estudantes da rede pública de ensino. O projeto foi efetivamente aplicado no 3º ano do Ensino Médio, tendo como base a leitura de obras adaptadas de “As viagens de Gulliver” (“Gulliver’s travels”), livro publicado em 1726 pelo escritor anglo-irlandês Jonathan Swift (1667–1745). No âmbito prático, o projeto alinhou-se às referências bibliográficas de Barbosa e Moura (2013), Zilberman (2009), Paulo Freire (1987), Candido (2008), Cosson (2009), ao lado dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998; 2006) e da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), para que o projeto tivesse suas bases teórico-metodológicas bem definidas. Como consequência, o artigo enfocará os dados colhidos nessa pesquisa, com sua cuidadosa análise. Por fim, serão destacadas possíveis direções acadêmicas futuras com base nessa pesquisa.

**Palavras-chave:**

Letramento literário. Pedagogia da adaptação. Literatura Brasileira Infantojuvenil.

**ABSTRACT**

This communication not only aims at a critical reading about the adaptations of a classic of English literature, but it is also based on premises of progressive discourses to guide and apply a literary literacy proposal for High School. Thus, it is intended to spread concepts, ideas and reflections to those who need it most: students from the public school system. The project was effectively applied in the 3rd year of high school, based on the reading of works adapted from Gulliver’s travel, book published in 1726 by Anglo-Irish writer Jonathan Swift (1667–1745). In the practical scope, the project aligned with the bibliographic references of Barbosa and Moura (2013), Zilberman (2009), Paulo Freire (1987), Candido (2008), Cosson (2009), alongside the National Curriculum Parameters (BRASIL, 1998; 2006) and the National Common Curricular Base (BRASIL, 2018), so that the project had its well-defined theoretical and methodological bases. As a consequence, the communication will focus on the data collected in this research, with its careful analysis. Finally, possible future academic directions based on this research will be highlighted.

**Keywords:**

Literary literacy. Adaptation pedagogy. Brazilian Literature for Children and Youth.

## **1. Introdução**

A principal proposta desta pesquisa teve como intuito levar as críticas sociais que o livro “As viagens de Gulliver” aborda e o que os clássicos literários como um todo podem ensinar aos que mais precisam ouvi-los, sendo eles, em sua grande maioria, pessoas mais desfavorecidas economicamente, que não tiveram acesso básico a um ensino de qualidade, tampouco as mesmas oportunidades de estudo das classes mais favorecidas.

Portanto, a pesquisa teve a sua aplicação na rede pública de ensino, na instituição chamada Colégio Estadual Central do Brasil, no subúrbio do Rio de Janeiro, situado no Méier, Zona Norte do Rio de Janeiro, nas turmas de 3º ano do ensino médio, em aulas de Língua Portuguesa/Literatura no segundo semestre de 2019, aproveitando o contexto do Estágio Supervisionado, em processo naquela ocasião.

O desenvolvimento teórico-metodológico procurou repensar o papel do aluno de um mero receptor para o campo de agente, aquele que cria e se torna sujeito de sua própria aprendizagem.

Essa autonomia é amplamente defendida pelas particularidades do Ensino Médio, segundo a BNCC (BRASIL, 2018), e pelas propostas das metodologias ativas. Também se discorre sobre a importância da leitura e literatura para os alunos, formando sujeito críticos para a sociedade. Aplicou-se um questionário qualitativo nas turmas mencionadas, nos quais eles expuseram suas ideias em relação ao livro. Com esse trabalho, quisemos mostrar que um estudante da rede pública da zona suburbana do Rio de Janeiro pode ter acesso a um conteúdo modernizado e também demonstrar total capacidade de compreensão sobre ele.

## **2. Jonathan Swift e sua obra**

O autor Jonathan Swift nasceu no ano de 1667 em Dublin. Nasceu órfão de pai (VIANA; MACHADO, 2010), e sua mãe o deixou aos cuidados do tio chamado Godwin, que era influente e abastado. Com a morte do tio posteriormente, Swift mudou-se para a Inglaterra em busca de prestígio e reconhecimento. Voltou a Dublin e lá veio a falecer no ano de 1745, aos 78 anos.

Seus posicionamentos políticos sempre foram bem marcantes, o que se refletia em seus escritos, não muito diferente da obra em questão

As viagens de Gulliver. Swift contribui com os Wighs (que eram um dos partidos ditos liberais), depois migrando para os Tories, que defendiam os interesses das monarquias (SOARES, 2001 *apud* VIANA; MACHADO, 2010, p. 125).

Jonathan Swift foi um dos grandes nomes para a sátira. Segundo Barbosa (2007, p.87), era “o gênio da sátira na literatura de todos os tempos”. Tomando como essa grande premissa, não há como se desprender de Swift sem falar desse aspecto, ainda mais neste livro, que foi amplamente propagado pelo mundo todo. A sátira de Swift tinha um papel de construir uma crítica sobre a sociedade da época por meio de marcas como a ironia, a fim de causar uma reflexão.

A obra foi originalmente intitulada “Viagens para as diversas nações remotas do mundo” (“Travels into several remote nations of the world”). Possui quatro partes, sendo elas: I – Viagem a Lilipute; II – Viagem a Brobdingnag; III – Viagem a Lapúcia, aos Balnibarbos, a Luggnagg, a Glubbdudrib e ao Japão; IV – Viagem ao país dos Huyhnhmns. Em seu enredo, resumidamente, consta as críticas em que o personagem Gulliver tece sobre os cidadãos e seus costumes em cada cidade que residiu, principalmente com questões relacionadas à monarquia. Ao final, as sátiras, antes bem humoradas, tornaram-se mais pesadas, e profunda-se desilusão contra a raça humana. Gulliver encontrou seu refúgio da humanidade quando comprou dois cavalos e conviveu em comum amizade com tais criaturas.

### **3. *Embasamento teórico-metodológico***

Não basta apenas debatermos sobre pautas desconstrutivas em meios acadêmicos, é necessário dar instrumentos para que nossos objetos de estudo, os nossos sujeitos, imersos em tanta carência, se expressem significativamente e sintam-se inseridos dentro desse meio. Dessa forma, a pesquisa teve seu principal enfoque propagar-se na rede pública e mostrar a esses alunos que um livro canônico tem correlação ao cotidiano deles, que os alunos multiculturais fazem parte, de alguma forma, da narrativa de Swift, e as críticas bem frequentes em 1726 (ano em que o livro foi publicado) ainda perpetuam na modernidade.

A escola pública é um dos espaços mais democráticos ao acesso à educação, por isso, deve agir para corroborar a construção de cidadania. Nesse ponto, Garcia (2004, p. 1) também agrega que: “(...) é exatamente

um diagnóstico de produção de exclusão social que tem justificado a necessidade de propor políticas que contemplem a inclusão social”.

Caso esses alunos de periferia ou áreas de exclusão quiserem prestar vestibular a um curso superior, eles se depararão com conteúdos mais elaborados, que exigirão um conhecimento de mundo mais amplo; para eles, um livro de Swift será uma literatura clássica, distante, intocável. A elite burguesa justamente sempre dificultou esses espaços para que a massa não tivesse acesso a ele; mais ainda, para a elite, sua leitura poderia conduzir o povo a uma crítica não desejada. O papel deste trabalho é, nesse contexto, levar os discursos considerados hegemônicos às pessoas normalmente negligenciadas, para que possam ser desconstruídos.

Para tal, a pesquisa ressalta, a seguir, os passos importantes para encurtar os distanciamentos do que se diz e do que se pratica (FREIRE, 1996). Por isso, primeiro salientou-se a importância da leitura e literatura na construção de alunos mais críticos; e também se frisaram as metodologias ativas no espaço de construção da autonomia dos estudantes.

### **3.1. A importância da leitura**

Diversos autores falam a respeito da importância da leitura. Destaco aqui Villard (1999), o qual afirma que o ato de ler é uma construção de uma concepção de mundo, de ser capaz de compreender e analisar criticamente as informações que nos chega por meio desse ato.

A literatura é fomentadora de ideias, com base na qual passamos a enxergar o mundo criticamente. Com essa essência, também se atribui um caráter humanizador. Esse processo requer reflexões para que possam adentrar a vida do indivíduo e exaltar sua percepção de mundo (CANDIDO, 2012). Ainda mais, Machado (2002) coloca que, dentro de cada leitura, há desafios que nos proporciona um novo mundo prestes a ser decifrado, atraindo-nos a ela com intensidade.

Para encarmos a leitura dentro desse projeto de um livro-cânone, que ainda vislumbra muitas ligações com o que deparamos na atual sociedade, nada mais justo do que usar dos ensinamentos de Paulo Freire (2001), em seu ensaio *A importância do ato de ler*. Nesse ensaio, ele descreve a notoriedade no desenvolvimento das habilidades de uma leitura crítica nos sujeitos, reiterando que o prazer de ler é uma construção com base na qual os temas abordados devem ter relação e relevância com a realidade em que o leitor vive.

Nos tempos atuais, enfrentamos uma larga escala de indivíduos que não gostam ou não possuem o hábito da leitura, tendo crises até no setor editorial. Para esse agravante, Silva (1995) pauta-se no desgaste que o sistema burguês sofreu ao longo dos anos, sendo que as contradições capitalistas foram alguns dos fatores para esse cenário. Hoje, com o avanço paulatino da consciência política e com as vertentes progressistas, verifica-se que a leitura sempre esteve subalterna a manifestações políticas do “sistema de privilégios, onipresente e enraizada na estrutura social brasileira ao longo dos tempos” (SILVA, 1995, p. 44).

Nas escolas, a leitura apresenta ainda um caráter enfadonho. O aluno julga o ato de ler como algo exaustivo, que não condiz com sua realidade. Dessa maneira, para que então adentrássemos com esse projeto na sala de aula, ressaltamos as etapas de Rildo Cosson (2014) em *Letramento Literário: teoria e prática*, que descreve a abordagem de um texto literário de uma seqüência simples e consistente em quatro fases: Motivação, Introdução, Leitura e a Pós-Leitura/Interpretação. Primeiro, você prepara o seu aluno para o texto; a introdução, não muito delongada, apenas assente o aluno para a recepção da obra; a leitura, então, deve vir de um acompanhamento, sempre inserida no contexto atual; e, por fim, com o momento pós-leitura/interpretação, infere-se o que foi dito na construção do sentido.

Também, para que aula seguisse as linhas e os parâmetros necessários, houve uma pesquisa ampla sobre a BNCC para a etapa do Ensino Médio. Ela veio para aperfeiçoar os objetivos de aprendizagem, mantendo, em sua essência, tanto as competências quanto também as habilidades, com o texto funcionando como a base para compreender os parâmetros e as diretrizes. Dentro do seu corpo textual, analisando a competência “EM13LP48”, por exemplo, defronta-se justamente com as possibilidades de abordar o cânone, em especial os livros canônicos em português, no Ensino Médio, alegando não apenas limitar as obras contemporâneas. Abrange-se, portanto, uma variedade de opções aos alunos, envolvendo a criticidade. Leia-se a seguir:

Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações an-

teriores – e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo. (BRASIL, 2018, p. 463)

### **3.2. Metodologias ativas**

O projeto teve como base metodologias ativas, as quais colocam que o aluno não deve ser o receptor do conhecimento, assistindo aulas em que meramente se reproduzem conteúdos. Os estudantes, portanto, passam a ser o agente de sua aprendizagem. Falaremos, de forma sucinta, sobre essas metodologias, pois esse cunho libertário e o pensamento crítico da pesquisa foram amplamente valorizados dentro dessas linhas.

Nesses métodos, difunde-se que os alunos busquem o próprio conhecimento, empoderando-se do seu saber. É claro que, para isso, precisa haver um trabalho contínuo, não só dos professores, mas de toda uma equipe pedagógica para facilitar o processo. Contudo, sabemos que isso está longe de ser o ideal. Com a inserção das metodologias ativas, estabelecem-se toda uma construção do saber e também a promoção da aprendizagem.

Essa abrangência de alunos autônomo também foi elencada com as normas da BNCC, que justamente designam essas práticas como ferramentas facilitadoras de ensino desde o ensino básico. No texto, afirma-se:

No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias. (BRASIL, 2018, p. 471).

Os PCNs também vão afirmar:

A importância de liberar a expressão da opinião do aluno, mesmo que não seja a nossa, permite que ele crie um sentido para a comunicação do seu pensamento. Deixar falar/escrever de todas as formas, tendo como meta a organização de textos. (BRASIL, 2000, p. 22)

Logo, é importante ressaltarmos que, mesmo na prática, é difícil a adesão a esses métodos, por isso, há importância de que o aluno não sinta medo em questionar ou fazer perguntas, tendo a liberdade de questionar. Professores não são os detentores absolutos do saber em sala, todos podemos aprender juntos.

Nessa linha, conforme o pensamento de Barbosa e Moura (2013), também se defendem as metodologias ativas justamente para que se

possam refletir nelas as interações entre os alunos. Esses devem perguntar, questionar e debater para que estejam estimulados na construção do saber, ao invés de apenas recebê-los de forma passiva. Assim: “O professor [nessa metodologia] atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento” (BARBOSA; MOURA, 2013, p. 55).

Portanto, o professor, ao contrário de ser a fonte suprema de conhecimento, passa então a ser o mediador em sala, acompanhando a evolução dos alunos, sendo eles as fontes principais de atuação. Moran (2017) vai dizer que é justamente necessária a adoção dessas metodologias para que o aluno se envolva naquilo que está sendo referido em sala, pois, assim, endossarão mais suas criatividades e sua formação. Aprenderão com mais facilidades e a serem sujeito mais críticos.

#### **4. Diários de bordo: a pesquisa de campo**

A aula programada foi posta em prática nos tempos da disciplina de língua portuguesa da professora Flávia Cunha, na turma de 3º. Ano do Ensino Médio, em um dia chuvoso de novembro. Como estagiária na época, tive acesso ao grupo por meio do *Google Classroom*, que suas turmas possuíam. Convergindo sobre metodologias ativas e sala de aula invertida, disponibilizei conteúdos sobre o livro e até mesmo o filme para que os alunos tivessem noção real do que seria abordado. Avisamos na aula anterior que trataríamos sobre “As viagens de Gulliver”. Sabemos que alguns esqueceriam ou nem procurariam a respeito, mas, para que tivéssemos todos o devido preparo, seguindo as premissas das metodologias ativas, era necessário dar essa autonomia ao aluno.

Ficamos no laboratório de informática, o que foi de muita valia devido ao fato de o colégio possuir apenas um laboratório para todas as turmas em cada turno, composto por mais de mil alunos. Na medida em que eles chegavam ao local, alguns grupos se formaram, já outros optaram por ficarem sozinhos. Nesse processo, foi oferecida total liberdade de escolha para que ficassem mais confortáveis.

Ao final da aula, passou-se um questionário para aferir o que eles entenderam da aula expositiva – o documento estará logo abaixo do plano de aula. Ainda restou a segunda aula na quarta-feira, em que os alunos do terceiro ano continuaram a responder o questionário. Unsaju-

davam os outros, e era bonito de se ver a interação com que eles respondiam as questões planejadas.

*QUESTIONÁRIO*

Pergunta número 1: Quais foram as suas impressões sobre o conteúdo e a dinâmica dessa aula? Faça uma apreciação.

Tabela 1: Transcrição das respostas dos alunos a pergunta nº 1 do questionário.

1	Boas, super legal, entendemos o conteúdo de forma direta e intuitiva.
2	Eu gostei bastante, pois pude interagir com as histórias do livro.
3	Gostei do conteúdo, é pragmático e sem devaneios, todavia, não tive a concepção do real ponto para o TCC. Porventura, a aproximação aos espectadores com analogias vivenciadas no século presente tornou a apresentação mais atrativa ao público.
4	Conteúdo informativo e dinâmica direta.
5	Foi uma dinâmica boa e com conteúdo informativo.
6	Achei a dinâmica da aula bem legal.
7	Minhas impressões foi que esse conteúdo é muito interessante.
8	Eu gostei da dinâmica da aula, pois em 2019 coisas comuns a 1726 são presentes nos dias de hoje.
9	Fez com que compreendêssemos o conteúdo de forma direta.
10	Gostei do tipo de aula que foi apresentada e pela forma que foi apresentada. Gostei da forma como foi tentado uma apresentação com os alunos.
11	Amei a aula, ainda mais quando falou da mesma história que aconteceu no desenho animado “Gasparzinho, o fantasma camarada” quando gasparzinho foi a lua e encontrou os liliputianos, como Gulliver, foi capturado por eles, todavia “homens árvores” invadiram a região, gasparzinho salvou os liliputianos contudo há controvérsias que gulliver também fez amigos, mas na realidade se hostilizaram.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: Transcrição das respostas dos alunos para a pergunta de número 1.

Pergunta número 2: Você acredita que o estudo do livro possa ser relevante para os dias de hoje? Justifique.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Tabela 2 – Transcrição das respostas dos alunos a pergunta n° 2 do questionário.

1	Sim, porque toca em vários assuntos como a crítica à realidade inglesa em seu tempo, hoje em dia a maioria das pessoas só pensam nelas mesmas e etc.
2	Sim, porque ele discute sobre política, problemas na sociedade e ignorância humana.
3	Sim, pois pode intrigar os leitores a percepção dos problemas políticas vigentes.
4	É importante estudar o nosso passado para não cometer os mesmos erros.
5	Serve como aprendizado para não cometermos os mesmos erros do passado
6	Sim, se as pessoas lessem o livro mudariam a forma de pensar.
7	Eu considero até mais confiável, pois que o google não é confiável e as verdades estão modificadas pela internet.
8	Sim, se muitos lessem e tivessem o pensamento “poxa, isso parece com os dias atuais, eu quero melhorar”, haverá melhorias e mais melhorias.
9	Sim, por conta das críticas feitas pelo livro, assim podemos evitar cometer os erros cometidos no passado.
10	Sim, os leitores acabam ficando intrigados com os problemas políticos.
11	Sim, como mencionado no Gulliver e no Gasparzinho, tem o mesmo objetivo do entendimento nas aventuras de Gulliver: É mencionado a disputa relativamente pequena, já que os puritanos e conservadores lutam por um simples direito de dominar. No Gasparzinho, era aversão ao diferente, devido as características pequenas e os homens-árvores são inimigos contra: nos anos de 1950, guerra fria com a disputa ideológica. EUA X URSS X CUBA, os homens árvores eram Cuba, Gaspar URSS e EUA, os Liliputianos.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: Transcrição das respostas dos alunos para a pergunta de número 2.

Pergunta número 3: Relate algo relacionado aos dias de hoje que possa ser conectado com o livro. Você pode mencionar situações, reflexões, atitudes e valores da sociedade atual.

Tabela 3: Transcrição das respostas dos alunos a pergunta n° 3 do questionário.

1	A aceitação de pessoas que não fazem parte do nosso cotidiano, mas que tornam a fazer e assim foi quando Gulliver foi aceito pela corte.
---	--

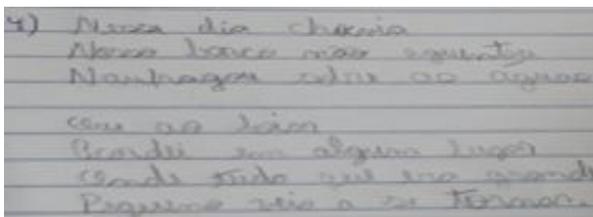
2	Como em Lilibute, as pessoas de hoje em dia ainda brigam e discutem por coisas fúteis.
3	A divisão de ideias, a superioridade e a intolerância são assuntos pertinentes até nos dias de hoje. A perpetuação de ideologias anti educação se repete na história, pensamentos retrógrados que contribuem para essa visão mais conservadora, que no mundo sempre fora sinal de desavanço.
4	A rivalidade entre os times
5	Brigar por coisas fúteis. Ex: Briga de torcidas
6	Nos dias de hoje como antigamente os políticos não querem saber de ajudar a população, se não a si próprio
7	A posição de brigas sem cabimentos está matando pessoas por não entenderem o lado do outro
8	Hoje em dia existe muitas discussões absurdas, seja por time, política, religião... Que nos fazem entrar em uma “guerra” e fazem-nos regressar de quem gostamos por não entrarmos em acordo com opiniões opostas.
9	A divisão política: no livro, em uma cidade os cidadãos se dividiam, em 2 partidos, e hoje estamos divididos não em partidos, mas em ideologias divergentes
10	A perpetuação de pensamentos anti educação se repete na história. O fato de aparecer um “cara” grande faz com que as pessoas de tamanho “normal” se sentirem ameaçados, porém o tamanho de alguém não deveria servir como forma de julgar sua ideologia. Como vemos nos dias de hoje o caso de pessoas que tem mais dinheiro, passa a se sentir superiores aos outros.
11	Na sociedade hoje em dia, a disputa por uma coisa é um velho problema do “homo cro-magnon” devido a disputa de pequenas coisas. Na revolução Francesa em 1789, os ingleses também disputavam o espaço, todavia na guerra civil inglesa (1635-1649) os lordes puritanos venceram no parlamento por um poder pequeno de “Lord”. Hoje, até brigam por um sorvete de McDonald, como crianças, não havendo maturidade nessa sociedade de hoje.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: Transcrição das respostas dos alunos para a pergunta de número 3.

Pergunta número 4 (Arbitrária): Produza algo que possa dialogar com o livro. Você pode empregar diferentes formatos, como poesia, rap, crônica, carta endereçada a um conhecido, desenho, vídeo curto etc. Essa produção deve ser autoral.

Respostas: Em função de serem arbitrárias, deixei a opção aberta, consoante com o arcabouço metodológico aqui desenvolvido. O aluno possuía a autonomia caso se sentisse confiante para a produção de tal conteúdo. De 11 questionários, 7 responderam essa questão, o que parece ser um número bem alto para algo não obrigatório. Por se tratar de vários gêneros discursivos tais como poema, bilhete e afins, segue abaixo apenas uma das respostas de um aluno, em forma de poema:



Fonte: Arquivo pessoal.

## 5. *Análise de resultados*

Seguir os ensinamentos de uma obra canônica em uma escola pública foi desde o começo um desafio, mas daqueles bem necessários. Os alunos, ao serem confrontados por um texto clássico, no geral tendem a possuir uma aversão por aquela obra não condizer com o que vivem no seu cotidiano. Mas é necessário lembrar que “o prazer e o interesse que temos por histórias faz parte da condição humana oriunda de nossas mais profundas raízes antropológicas” (ELIADE, 1998, p. 11). Mas também se deve reconhecer que o texto literário possui um universo ficcional, traduzindo dimensões culturais, tal como históricas e sociais, como um fenômeno da linguagem. (SARAIVA; MÜGGE, 2006).

A leitura de todos os gêneros é uma fonte de culturas diversas que propagará ainda mais o conhecimento, tal que “a força dessa aprendizagem constrói consciência e atitudes eficazes ao longo da vida” (COSTA, 2006, p.3). Então, a importância que se tem em levar um projeto de cunho tão crítico-social era muito premente. Corso e Ozelame (2009) também comentaram que a leitura, sendo motivacional, “permite que os alunos estabeleçam relações com outras áreas do conhecimento, extraindo diferentes conteúdos, fazendo diversas conexões a partir de suas experiências do dia a dia” (CORSO; OZELAME, 2009, p. 72).

Essas experiências também reafirmam o papel da escola na formação de leitores críticos (AMORIM, 2018). As assertivas do PCNs (1998) também vão nessa direção, mostrando a necessidade de se abarca-

rem a diversidade de textos e gêneros: “Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas” (BRASIL, 1998, p. 23).

A aula tomou mais um dia para os que faltaram no primeiro dia previsto. Como repetidamente afirmei, se todos fizessem o questionário, isso seria muito vantajoso para a pesquisa, mas eles não foram forçados, embora houvesse uma valia de pontos. A maioria já estavam aprovada em Língua Portuguesa. Para a total surpresa, muitos ainda frequentavam o campus escolar e estavam em sala, optando por completar o questionário e contribuir com a pesquisa.

A forma de questionário para a recolha de resultados ainda apresenta uma certa forma normativa, mas isso era extremamente necessário para a busca em resultados, a fim de que pudessem nortear os caminhos da pesquisa e, logo, sabermos se, qualitativamente, trilhamos o caminho certo que alçáramos desde o início. Podemos observar que, no que se referente à aula na questão 1, as respostas foram positivas no geral. No começo, mesmo com aquele nervosismo inicial que se tem, as dificuldades foram contornadas para que os alunos tivessem acesso a esse conteúdo. No final, os alunos foram bem participativos.

No que tange ao livro, sobre questão 2, os ensinamentos de Rildo Cosson (2014) se fizeram presentes. Primeiro lugar, a motivação foi acertada na aula anterior, preparando os alunos ao texto e criando autonomia desejada para que eles procurassem o conteúdo em sua própria casa. A introdução sobre o livro feita em sala partiu da premissa de que eles já soubessem sobre o conteúdo, para não se delongar muito. Mas sabemos como algumas variáveis podem acontecer, então, introduzimos a história a todos. Ressalvo que muitos lembravam sobre o filme estrelado pelo Jack Black, mais uma vez nos recordando sobre as adaptações serem emergidas de todos os tipos; assim, não podendo ignorá-las. Já no momento da Leitura, se pretendeu contextualizar a obra para os tempos atuais. Relataram-se alguns fatos que aconteciam naquela semana (Exemplo: Eventos de futebol) e como eles se alinhavam, de algum modo, a acontecimentos do livro. Esse foi o momento em que eles mais participaram, apontando para a verossimilhança dos fatos narrados. A Pós-Leitura/Interpretação, por fim, fez-se por meio de um aparato resumidamente lembrando que fatos do livro estavam mais presentes do que eles imaginavam. Partiram, em seguida, para o questionário.

A questão 3 foi bem consensual. Após os relatos dados como exemplo, cada um realizou à sua maneira. Lilipute e Blefuscus poderiam ser as brigas fúteis dos seus vizinhos, dois países ou de torcidas, por exemplo. Governos gananciosos ainda se fazem presentes, rechaçando os mais pobres e opositores. O negacionismo e terras planas voltaram com força em novos tempos de retrocesso. Gulliver poderia ser todos nós, desbravando o mundo ou apenas o caminho para a escola ou para o trabalho. Era tudo uma questão de imaginação.

A questão número 4, encontrada nos anexos, foi a que mais me surpreendeu. Por ser algo arbitrário, não esperava que tivesse uma adesão tão grande. Mas, de 11 que responderam esse questionário, 7 participaram. Fizeram desenhos, poemas, bilhetes etc. Percebemos aqui o quanto a inserção dos multiletramentos se fez presente. Podem-se utilizar vários gêneros como um modo de acentuar o conteúdo, conduzindo-os à conquista da autonomia em seu processo de aprendizagem.

Esperamos ter demonstrado, assim, o sucesso da pesquisa de campo que foi implementada em uma escola pública. As respostas, no geral, foram bastante satisfatórias. Podemos analisar categoricamente a implementação assertiva das práticas de multiletramentos em contexto de escola pública. Tal importância literária concretiza-se justamente quando o conteúdo permite inserir no indivíduo a empatia, a racionalidade e o desbravar de um mundo aberto para novas experiências (Cf. OLIVEIRA; BATISTA, 2018).

## **6. Considerações finais**

Esse projeto, que fincou suas raízes progressistas, desde suas primeiras páginas, chega a estas últimas com o sentimento de dever cumprido. Mesmo diante de muitas adversidades, ainda há forças para o que se lutar e para quem se destinar a luta.

Batalhamos todos os dias para que os discursos sejam ofertados àqueles que mais perecem ou são negligenciados pelo estado. Saber que essa pesquisa obteve sucesso é aquela renovação de esperança para novos enfrentamentos. Espero também que possa estimular outros pesquisadores da área de educação.

Lemuel Gulliver, aqui neste trabalho, navegou por várias frentes para que chegasse a solos tupiniquins. Primeiro, foi necessário todo um aparato histórico-social-político relevante, seja da nossa história, seja do

contexto de publicação do livro, para que, assim, pudéssemos ter um entendimento sobre os problemas relacionados aos hábitos de leitura, ao nosso cenário atual político e também às sátiras às quais o autor tanto dedicava seu trabalho.

Gulliver atracou em um novo destino: o subúrbio carioca. Ali certamente esperava plantar sementes do saber e elas fincaram raízes. Quem disse que subúrbio nada produz conhecimento? Quem disse que o pobre não entenderia a obra? As respostas estão cristalinas para quem quiser ver. Eis que os multiletramentos se fazem mais presentes: abrangem o entendimento que, mesmo a narrativa clássica, pode se relacionar a vários elementos de nosso cotidiano, em pleno século XXI.

O que torna o livro tão majestoso é saber que, dentro daquelas linhas publicadas em 1726 e adaptadas aos tempos atuais, por meio diversos gêneros, a história se repercute até a contemporaneidade. Não importa se o leitor não saiba o que se passou na época em que o autor viveu. A história ainda nos impacta por tantos paralelos possíveis, com tamanha semelhança demonstrada.

Por fim, a prática em um modelo de metodologias ativas foi muito bem-sucedida. Ver os alunos sendo agentes das próprias interações e do conhecimento foi um grande feito. A pesquisa buscou ainda mais alinhar-se a suas premissas de renovação e progresso, colocando-as em prática. Precisamos, mais do que nunca, colocar em prática tudo o que acreditamos ser a civilização. Dito isso, deixa-se uma carta aberta a todos os educadores que buscam melhorar suas técnicas, parafraseando uma frase de Emerico: “A revolução só começa em mudar a si próprio. Se sou, é porque somos.”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. *B. Tec. Senac*, v. 39, n. 2, p. 48-67, Rio de Janeiro, maio/ago. 2013.

BARBOSA, R. *Swift*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. 1887/ 2007.

BECK, I. J. *Viagens de Gulliver: uma releitura*. Canoas: ULBRA, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília-DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 04 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 2000.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional do Livro e da Leitura (Revisado em 2014). Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL\\_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660](http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660). Acesso em: 20 mai. 2020.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista IEL*, Unicamp. 2012. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007>. Acesso em: 10 maio 2020.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Multiletramentos e mudanças sociais. In: JESUS, Dânie Marcelo de; CARBONIERI, Divanize (Orgs). *Práticas de multiletramentos e letramento crítico*: outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas: Pontes, 2016. p. 7-12

CORSO, Gizelle Kaminski; OZELAME, Josiele K. Corso. Escola, leitura, leitores – Literatura. *Visão Global*, v. 12, n. 1, p. 67-76, Joaçaba, jan/jun. 2009

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo-SP: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo-SP: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, R. M. C. *Políticas públicas de inclusão*: uma análise no campo da educação especial brasileira. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. 216f.

GUERRA, Leonardo José César de Mattos. *Viagens de Gulliver*: Recep-

ção (história) e interpretação (Crítica). Dissertação (Mestrado). São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012. 144f.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, M. N. M. (Org.). *Discurso da equidade e da desigualdade sociais: significações imaginárias, vínculo social*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

MARCELINO, Juliana Fraga. *Swift e sua sátira no livro Viagens de Gulliver*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura – Instituto de Letras). Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2016. 63 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158008/001019000.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mai. 2020.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

SARAIVA, Juracy Assmann. (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_; MÜGGE, Ernani. *Literatura na escola: proposta para o ensino fundamental*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A produção da leitura na escola*. São Paulo: Ática, 1995.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Trad. Paulo Henriques Britto. Org., intr. e notas Robert Demaria Jr. São Paulo: Companhia, 2010. (Edição Penguin Companhia)

\_\_\_\_\_. *Viagens de Gulliver*. Adaptação por Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

\_\_\_\_\_; ASSIS, Érico. *As viagens de Gulliver*. São Paulo: Farol Literário, 2013.

VIANA, E. A. S.; MACHADO, M. N. M. Gulliver e os Aristocratas. In: MACHADO, M.N.M. (Org.) *Discurso da equidade e da desigualdade sociais: significações imaginárias, vínculo social*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010. p. 125-50

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

VILLARDI, Raquel. *Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, n. 14, dez. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 10 mai. 2020.